
A FORMA E O “ESPÍRITO” DO CAPITALISMO EM MAX WEBER

Fábio Cadore Hartmann¹

1. INTRODUÇÃO

Além dos já consagrados debates em torno da obra de Max Weber, em especial da *Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*, têm se produzido nos últimos anos um debate renovado em torno do que alguns especialistas chamam de um programa de investigação weberiano². A proposta deste artigo, além de retomar algumas discussões básicas à respeito do protestantismo ascético e do capitalismo, terá um objetivo bem mais humilde e modesto, buscará definir como Weber entende a forma e o “espírito” do capitalismo, bem como, a inter-relação entre os fenômenos institucionais e socioeconômicos com determinadas ideias e condutas que só foram possíveis no Ocidente moderno, qual seja, a racionalidade prático-ética de condução sistemática da vida e de dominação do mundo.

De uma maneira bem mais simples, temos duas perguntas que nos orientam e dão sequência ao artigo, primeiro, como Weber define/diferencia a forma do capitalismo e o “espírito” do capitalismo e; segundo, qual a relação entre estas duas variáveis. Por fim, buscaremos indicar que a abordagem weberiana, apesar de destacar a importância causal da religiosidade, das ideias, das condutas individuais e da cultura para a compreensão e para a explicação do sistema capitalista, não se esquece de apontar os aspectos institucionais e econômicos que precisam ser considerados, bem

¹ Mestre em Sociologia Política e Doutorando do mesmo curso. Bacharel/Licenciado em Ciências Sociais, todos pela UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina.

² Mais detalhes ver em: SCHLUCHTER, Wolfgang. *Acción, orden y cultura: estúdios para um programa de investigación em conexão com Max Weber*. Prometeu: Buenos Aires, 2011, p. 19-53.

como, a relação entre o macrosocial e o microssocial³, constituindo-se assim como uma teoria da ação social, da ordem e da cultura⁴.

O aporte teórico terá como base, entre outros textos, a *História Geral da Economia* (1980); a *Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo* (2004), ambos de Weber; e também os *Paradoxos da Modernidade: cultura e conduta na teoria de Max Weber* (2011), de Wolfgang Schluchter; assim como, o livro de Carlos Eduardo Sell, *Max Weber e a racionalização da vida* (2013).

2. A FORMA E AS CARACTERÍSTICAS DO CAPITALISMO NO OCIDENTE

Como já indicado, iniciaremos apontando a forma distintiva do capitalismo e algumas de suas características que são peculiares ao Ocidente. O foco estará nas questões institucionais e socioeconômicas relacionadas a existência do capitalismo, bem como, em algumas de suas qualidades definidoras.

As observações aqui realizadas não buscam se inserir em uma análise economicista⁵ da obra de Weber, o “fenômeno economicamente condicionado”, ou o fator econômico, é apenas uma ponta da relação causal. Por isso, buscaremos distinguir a forma do capitalismo, de seu “espírito”, conforme feito em *A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo* (doravante EPEC), assim como, em a *História Geral da Economia* (doravante HGE).

Conforme sintetizado por Sell (2013), que também considerou as *Anticríticas* de Weber, precisamos levar em conta que qualquer conceito de capitalismo ou de “espírito” do capitalismo só podem ser construídos de maneira abstrata, ou seja, através

³ Uma revisão do debate acerca das questões macro e micros sociais no pensamento weberiano ver em: Sell, Carlos Eduardo. *O nascimento da sociologia weberiana: “Sobre algumas categorias da sociologia compreensiva” 100 anos depois*. Paper Apresentado no XVI Congresso da SBS – Sociedade Brasileira de Sociologia. Salvador, Setembro de 2013b, p. 10-26.

⁴ Mais detalhes ver em: Schluchter, Wolfgang. *Epílogo: ação, ordem e cultura*. Paradoxos da modernidade: cultura e conduta na teoria de Max Weber. São Paulo: Unesp, 2011, p. 325-330.

⁵ Quem pretende buscar uma interpretação de um weber economista ver em: Swedberg, Richard. *Max Weber e a ideia de sociologia econômica* (2005), em especial o capítulo 2 (p. 45-105), onde o autor define as principais categorias econômicas de Weber.

de definições típico-ideal. Outro ponto importante se refere ao fato de que Weber rejeita a ideia de que a Reforma ou o protestantismo ascético tenham dado origem ou que tenham influenciado de maneira isolada o “espírito” do capitalismo ou o sistema capitalista como um todo, forma (sistema) e “espírito” são coisas distintas, sendo que o foco da análise weberiana se dá neste segundo elemento (Sell, 2013, p. 228).

Dito isso, podemos nos debruçar especificamente nos aspectos institucionais e na forma do capitalismo moderno, sem perder de vista o argumento acima. Nos trechos abaixo, torna-se necessário recuperar os principais argumentos e características do capitalismo no Ocidente à partir das análises de Weber em HGE (1980). O que nos interessa destacar desta obra são as definições sobre o capitalismo, bem como, elencar as condições de sua origem e desenvolvimento.

Como ideia inicial, podemos dizer que o capitalismo:

existe onde quer que se realize a satisfação de necessidades de um grupo humano, com caráter lucrativo e por meio de *empresas*, qualquer que seja a necessidade que se trate. Diremos que, via de regra, uma exploração *racionalmente* capitalista é uma exploração com conta de capital, isto é, uma empresa lucrativa que controla sua rentabilidade na ordem administrativa por meio da contabilidade moderna, estabelecendo um balanço (Weber, 1980, p. 123).

Podemos observar nesta passagem alguns aspectos gerais deste sistema econômico, bem como seu foco nas empresas. O racionalismo/racionalização, como se sabe, permeia e baliza todas as questões. Antes de nos aprofundarmos nisto, vejamos as condições prévias para a existência do capitalismo moderno e das empresas, conforme elencado por Weber. O mesmo destaca seis pontos principais e ao final adiciona um sétimo, que merecem ser nomeados: 1) *Apropriação de todos os bens materiais de produção por parte de empresas lucrativas autônomas*; 2) *Liberdade de mercado*; 3) *Técnica racional*; 4) *Direito racional*; 5) *Trabalho livre*; 6) *Comercialização da economia*; e a 7) *Especulação* (Weber, 1980, p. 124).

Além destas condições, existem também os fatores externos – mas não determinantes – no desenvolvimento do capitalismo, estes também merecem ser pontuados. Tais fatores são muitos e envolvem desde o livre comércio atacadista, o mercantilismo, as técnicas de exploração industrial, chegando até aos exércitos, a venda em grande escala, a baixa de preços, os inventos, a lei de patentes e o aumento

populacional, etc. Todas estas características apresentadas demonstram que Weber nunca entendeu o capitalismo como algo idealizado e sim como um sistema complexo.

Wolfgang Schluchter (2011), ao interpretar a obra de Weber, nos ajuda a entender as características do capitalismo moderno. O mesmo indica a existência de três complexos principais: 1) Moderna empresa capitalista; 2) Ordem econômica; e o 3) “Espírito” do capitalismo (que será tratado mais adiante).

O capitalismo moderno: primeiro é caracterizado pela busca da lucratividade levada adiante por empresas voltadas para o lucro (*Erwerbsbetriebe*), isto é, por unidades continuamente orientadas para o lucro, ao contrário das unidades familiares ou orçamentárias orientadas para a satisfação das suas próprias necessidades. Tais unidades, alias, combinam os três fatores de produção: trabalho, o meio material de produção e a administração em um estabelecimento, tal como uma oficina ou escritório (Schluchter, 2011, p. 267).

Temos então entre outras questões, 1) uma separação clara entre a prática familiar e a de uma empresa, tal separação é de caráter espacial, jurídica e contábil. A empresa capitalista moderna também precisa de 2) trabalho formalmente livre e sua combinação com máquinas/especialização; e a 3) separação entre administração e propriedade dos meios de produção. Além disso, precisam ser unidades especializadas, autônomas e autocéfalas, orientadas puramente e apenas pelo interesse próprio e pelo mercado. Ainda conforme Schluchter (2011, p. 268), além de a empresa capitalista ser definida em termos de contabilidade de capital, seu grau de racionalidade formal está ligado ao grau de racionalidade contábil deste capital. Assim como, ela não depende apenas de características próprias, mas também aquelas ligadas à ordem econômica, a economia de mercado.

Agora, voltando a Weber, torna-se essencial apresentar um ponto chave em sua análise, em que o mesmo, além de destacar novamente fatores institucionais, apresenta sumariamente a importância fundamental e decisiva dos aspectos culturais para a formação e desenvolvimento daquilo que entendemos como capitalismo e como sociedade ocidental moderna. Mesmo longo, tomo a liberdade de citar um trecho que sintetiza, esclarece e relaciona as discussões desta primeira parte, bem como, antecipa as discussões a respeito do “espírito” do capitalismo. Vejamos:

O fato de tal desenvolvimento haver-se verificado no Ocidente, deve-se aos traços característicos da cultura, peculiares a esta parte da Terra. Só o Ocidente conhece o *Estado*, no sentido moderno da palavra, com

administração orgânica e relativamente estável, funcionários especializados e direitos políticos. Os indícios destas instituições na Antiguidade e no Oriente, não alcançaram pleno desenvolvimento. Só o Ocidente conhece o *direito racional*, criado pelos juristas, interpretado e empregado racionalmente. Só no Ocidente se encontra um conceito de *cidadão* (*civis romanus, bourgeois*), porque, só no Ocidente, se deu uma *cidade* no sentido específico da palavra. Além disso, só o Ocidente possui uma *ciência* no sentido atual. Teologia, filosofia, meditação sobre os problemas da vida, foram conhecidas pelos chineses e indianos, alias, com uma profundidade como nunca foi sentida pelo povo europeu. Uma *ciência racional* e uma *técnica racional* foram coisas desconhecidas para aquelas culturas. Finalmente, a Cultura Ocidental se distingue de todas as demais, isto é pelo fato da existência de pessoas possuidoras de uma *ética racional de existência*. Em todos os lugares encontramos a magia e a religião; entretanto, só é peculiar do Ocidente o fundamento religioso do regime de vida, cujo resultado tinha de ser o racionalismo específico (Weber, 1980, p. 146).

Insisti em citar nomeadamente na primeira parte do artigo uma série de aspectos institucionais e socioeconômicos, para deixar ainda mais claro, que a formação em direito e em economia de Weber, bem como, suas argumentações desde a EPEC até o final de sua vida, nunca negligenciaram a importância dos fenômenos materiais e objetivos, assim como, o papel da história, da economia e da ordem social (em seu sentido macro). Porém, além de ter feito isso, prestou atenção e contribuiu em suma para as análises dos fenômenos culturais como variáveis explicativas (não unilaterais), bem como, construiu uma sociologia compreensiva orientada pelo individualismo metodológico. É a macro e a micro sociologia numa teoria da ação social, da ordem, e da cultura.

3. ASCETISMO PROTESTANTE, *ETHOS* PROFISSIONAL E O “ESPÍRITO” DO CAPITALISMO

Adentramos agora através de elementos centrais da teoria weberiana. Nesta parte trataremos do “espírito” do capitalismo. Não se trata de retomar todo o debate acerca da obra clássica EPEC, mas sim dar continuidade as explicações sobre o capitalismo levando em conta agora seus aspectos subjetivos e culturais.

Logo de início, devemos alertar que quando se fala em “espírito” do capitalismo, este nunca pode ser entendido em função de condições econômicas objetivas. Nos principais estudos Weber rejeitou de maneira radical qualquer explicação do capitalismo ocidental moderno unilateralmente econômica ou institucional. Porém,

nunca negou ou desconsiderou a importância do fator econômico, por outro lado, lançou luz sobre a causação oposta, ou seja, sobre um tipo de conduta ascética, de origem religiosa, que serviu de mola auto-propulsora para o capitalismo e também para a criação de um *ethos* profissional e, como veremos, do próprio “espírito” do capitalismo.

Em toda EPEC Weber buscou apresentar sua visão sobre as origens e o desenvolvimento do “espírito” do capitalismo. Este deve ser entendido em seu *significado cultural*, com sua *peculiaridade* individual e como um conceito histórico, sendo sua “apreensão conceitual definitiva não pode se dar no começo da pesquisa, mas sim no *final*” (Weber, 2004, p. 41).

Mesmo assim, podemos introduzir a questão da seguinte maneira:

[o ideal de homem honrado *digno de crédito* e, sobretudo,] a ideia do *dever* que tem o indivíduo de se interessar pelo aumento de suas posses como um fim em si mesmo. [Com efeito: aqui não se prega simplesmente uma técnica de vida, mas uma “ética” peculiar cuja violação não é tratada apenas como desatino, mas como uma espécie de falta como dever: isso, antes de tudo, é a essência da coisa. O que se ensina aqui não é *apenas* “perspicácia nos negócios” - algo que de resto se encontra com bastante frequência -, mas é um *ethos* que se expressa, e é precisamente *nesta* qualidade que ele nos interessa] (*idem*, p. 45).

Na passagem acima, já podemos perceber alguns dos traços principais do “espírito” do capitalismo moderno, que nunca deve ser confundido com avareza, ganância ou capitalismo aventureiro. Conforme Weber, o que está em questão aqui é um tipo de inclinação pessoal que assume “o caráter de uma máxima de conduta de vida eticamente coroada”. Ou seja, “na ordem econômica moderna, o ganho de dinheiro - contanto que se dê de forma legal - é o resultado e a expressão da habilidade na *profissão*”. Juntando a isso o entendimento de *profissão como dever*, temos a “ideia que é característica da ‘ética social’ da cultura capitalista e em certo sentido tem para ela uma significação constitutiva” (*idem*, p. 45-47).

Mas quais as origens desta conduta moral, deste “espírito”? Em que características do protestantismo ascético de tipo calvinista ele se originou?

Conforme Sell, seguindo a explanação weberiana, a centralidade do protestantismo ascético não é o dogma da predestinação, mas o que o unifica em especial enquanto movimento com traços comuns é a crença na necessidade de “comprovação” da salvação. Ou seja, é neste elemento que está o potencial conformador

da ação (Sell, 2103, p. 226). Esta comprovação ou “estado de graça” não podia ser alcançada através de confissões, por meios mágicos ou obras individuais, mas tão somente:

Pela *comprovação* em uma conduta de tipo específico, inequivocadamente diferente do estilo de vida do homem "natural". É daí que provém para o indivíduo o *estímulo* ao *controle metódico* de seu estado de graça na condução da vida e, portanto, à sua impregnação pela *ascese*. Este estilo de vida ascético significava, porém, como vimos, precisamente uma conformação racional de toda a existência, orientada pela vontade de Deus. E essa ascese não era mais um *opus supererogationis*, mas um efeito exigido de todo aquele que quisesse certificar-se de sua bem-aventurança. [Essa singular vida dos santos, cobrada pela religião e distinta da vida "natural", passava-se - o decisivo é isto - não mais fora do mundo em comunidades monásticas, senão *dentro* do mundo e suas ordens.] Essa *racionalização* da conduta de vida no mundo mas de olho no Outro Mundo é [o efeito da] *concepção de profissão* do protestantismo ascético (Weber, 2004, p. 139).

As palavras em itálico destacadas pelo próprio Weber aparecem como pontos-chave para a compreensão das origens religiosa do “espírito” do capitalismo. Buscar a comprovação através de condutas diárias e controle metódico da vida só é possível através da *vocação*, ou seja, no trabalho sistemático e organizado através dela.

A valorização do cumprimento do dever no seio das profissões mundanas como o mais excelso conteúdo que a auto-realização moral é capaz de assumir...e reconhece que o único meio de viver que agrada a Deus não está em suplantando a moralidade intramundana pela ascese monástica, mas sim, exclusivamente, em cumprir com os deveres intramundanos, tal como decorrem da posição individual na vida, a qual por isso mesmo se torna sua ‘vocação profissional’ (*idem*, p. 72).

Como podemos observar, este *ethos* ou ética profissional é um dos elementos que vem a conformar o “espírito” do capitalismo. É uma série de fatores que vão desde a ideia de comprovação, passando pela ascese e culminando com a ideia de vocação e de um *ethos* profissional que são capazes de constituir – hoje em dia sem as raízes religiosas – o *homo economicus* moderno.

Weber novamente nos ajuda a sintetizar a questão e as relações que aqui nos interessam.

A ideia da obrigação do ser humano para com a propriedade que lhe foi confiada, à qual se sujeita como prestimoso administrador ou mesmo como "máquina de fazer dinheiro", estende-se por sobre a vida feita uma crosta de gelo. Quanto mais posses, tanto mais cresce - se a disposição ascética resistir a essa prova - o peso do sentimento da responsabilidade não só de conservá-

la na íntegra, mas ainda de multiplicá-la para a glória de Deus através do trabalho sem descanso. Mesmo a gênese desse estilo de vida remonta em algumas de suas raízes à Idade Média como alias tantos outros elementos do espírito do capitalismo [moderno], mas foi só na ética do protestante ascético que ele encontrou um fundamento ético consequente. Sua significação para o desenvolvimento do capitalismo é palpável (*idem*, p. 155).

Diante destas passagens creio que podemos nos concentrar na parte final do artigo onde o foco está na relação entre a forma e o “espírito” do capitalismo, dando assim completude a uma análise que considera a cultura, os valores e as condutas individuais, assim como, os aspectos institucionais, econômicos e de ordem macroestrutural.

4. A RELAÇÃO ENTRE FORMA E “ESPÍRITO” DO CAPITALISMO

Seja na EPEC ou na HGE Weber manteve sua coerência sobre a importância para a modernidade ocidental⁶ e em especial, para o capitalismo em sua forma e “espírito”, das ideias acima elencadas. O que está em questão é a relação causal entre estes elementos, não entendida enquanto lei histórica, mas num sentido de adequação e de “afinidades eletivas”. O “espírito” do capitalismo, apesar de ter existido antes, não originou o capitalismo em sua forma, mas sim deu um impulso qualitativo e ajudou sobremaneira, sob o aspecto quantitativo, a ampliação deste sistema econômico.

Segundo Weber (2004):

É certo que a forma `capitalista` de uma economia e o espírito com a qual é conduzida em geral guardam entre si uma relação de `adequação`, mas essa dependência mútua não constitui uma `lei`. E se apesar de tudo empregamos provisoriamente aqui a expressão `espírito do capitalismo [(moderno)]` para designar aquela disposição que nas raízes de uma profissão de forma sistemática ambiciona o ganho [legítimo e racional], tal como ilustrado no exemplo de Benjamin Franklin, isso se deve à razão histórica de que aquela disposição encontrou sua forma mais adequada na empresa capitalista [moderna], e a empresa capitalista, por sua vez, encontrou nela sua força motriz espiritual mais adequada (Weber, 2004, p. 57).

⁶ Neste artigo focamos a modernidade ocidental, para mais detalhes sobre modernidades múltiplas e seus diversos projetos culturais, ver em: Einsenstadt, Shmuel N. *Modernidades múltiplas*. Sociologia, Problemas e Práticas, 2001, n. 35, p. 139-163.

Além deste trecho esclarecedor, logo na sequência Weber não deixa de assinalar que forma e espírito podem “muito bem ocorrer separadamente”. Apesar disso, podemos ver a seguir qual a natureza deste vínculo e o que está realmente em questão. Conforme Sell:

Em jogo está a relação causal de dois e tão só dois elementos: 1) o ascetismo intramundano e 2) uma determinada ética profissional: ‘profissão e o núcleo ético mais íntimo da personalidade - este é o elemento decisivo - formam aqui uma indestrutível unidade’ (PE II, p. 319). E tão somente nestes dois termos que o vínculo causal da pesquisa weberiana se concentra, posto que a ‘ética profissional reformada influenciou de maneira determinante a formação de uma variante do espírito do capitalista’ (PE II, p. 303), qual seja, ‘de um estilo de vida ético adequado ao nascente capitalismo da idade moderna e somente este’ (PE II, p. 286). Ambos, ‘característica’ e ‘tipo’ estão na base tanto do espírito capitalista quanto do capitalismo *atual* como sistema e, por que também não dizê-lo, da Modernidade em si mesmo: ‘o capitalismo moderno, contra cujos mecanismos rebela-se certa sensibilidade moderna, como acabamos de nos referir, há muito não tem mais necessidade deste impulso, não apenas por motivos políticos e sociais, mas sobretudo por causa de sua conexão com o espírito do homem profissional’ (PE II, p. 319)” (Sell, 2013, p. 230).

E como Weber vê o papel da “forma” e da ordem econômica no tipo de conduta do homem moderno?

No presente, com as nossas instituições políticas, jurídicas e comerciais, com formas de gestão empresarial e a estrutura que é a própria da nossa economia, esse ‘espírito’ do capitalismo poderia ser entendido como puro produto de uma adaptação, conforme já se disse. A ordem econômica capitalista precisa dessa entrega de si a ‘vocação’ de ganhar dinheiro: ela é um modo de se comportar com os bens exteriores que é tão adequada àquela estrutura, que está ligada tão perto às condições de vitória na luta econômica pela existência, que de fato *hoje* não há mais que se falar de uma conexão necessária entre essa conduta de vida ‘crematista’ e alguma ‘visão de mundo’ unitária. É que ela não precisa mais se apoiar no aval de qualquer força religiosa e, se é que a influência das normas eclesásticas na vida econômica ainda se faz sentir, ela é sentida como obstáculo análogo à regulamentação da economia pelo Estado. A situação de interesses político-comerciais e político-sociais costuma então determinar a ‘visão de mundo’ (Weber, 2004, p. 64).

Com bem assinalado, as instituições, as empresas e a economia moderna não precisam mais se apoiar nas ideias religiosas em questão, porém, ainda se adaptam muito bem a ideia de vocação, de uma ética profissional e da liberação para se ganhar dinheiro, ou seja, continuam sendo elementos centrais de um “espírito” e da própria cultura capitalista. Além disso, são características fundamentais da economia privada capitalista sua racionalização através do cálculo aritmético rigoroso e o planejamento no

sentido do sucesso econômico, estes preceitos aparecem como forças condicionantes da conduta de indivíduos ou empresas.

Ora, esse processo de racionalização no plano da técnica e da economia sem dúvida condiciona também uma parcela importante dos `ideais de vida´ da moderna sociedade burguesa: o trabalho com o objetivo de dar forma racional ao provimento dos bens materiais necessários à humanidade é também, não há dúvida, um dos sonhos dos representantes do `espírito capitalista´, uma das balizas orientadoras de seu trabalho na vida (*idem*, p. 67).

Nesta breve recapitulação sobre a relação entre a forma e o “espírito” do capitalismo, torna-se essencial indicar qual seria, em especial, a “classe portadora” a qual Weber se refere como os indivíduos imbuídos de tais ideais. Quem seriam seus representantes? Além do “espírito”, das empresas, da organização racional do trabalho, Weber acrescenta o adjetivo “burguês” no sentido de combinar características macro e microeconômicas.

Isso se refere a um estrato social, um `portador social´, bem como a um `espírito´, uma mentalidade econômica específica. De acordo com essa mentalidade econômica, burguês significa que não predomina nem mentalidade senhorial de provisão segundo o status, nem a mentalidade camponesa ou artesã de sustento, nem a mentalidade especulativa dos capitalistas de aventura, mas, ao contrário, que ocorreu uma moderação racional da busca do lucro, que se deixa governar pelo princípio de calculabilidade baseada na contabilidade do capital e na competição de mercado. É o espírito de se provar a si mesmo pela vocação que se é satisfeito pelo uso (formalmente) pacífico do capital apenas pelo uso do capital, e mais nenhum outro objetivo (Schluchter, 2011, p. 270).

Ideias, indivíduos, instituições e ordem econômica como fenômenos que se retroalimentam, se adequam e se complementam.

Assim sendo, através deste percurso, podemos fazer alguns apontamentos buscando cumprir com os objetivos deste artigo, sem esquecer-se de citar os significados e consequências sociais da vida na modernidade.

Quanto ao capitalismo:

Decisivamente, o capitalismo surgiu através da empresa permanente e racional, da contabilidade racional, da técnica racional e do Direito racional. A tudo isso se deve ainda adicionar a *ideologia racional*, a *racionalização da vida*, a *ética racional na economia* (Weber, 1980, p. 169).

Quanto a origem do “espírito” do capitalismo e o *ethos* profissional hoje preponderante, podemos assinalar o seguinte:

O puritano queria ser um profissional - nós devemos sê-lo. Pois a ascese, ao se transferir das celas dos mosteiros para a vida profissional, passou a dominar a moralidade intramundana e assim contribuiu [com sua parte] para edificar esse poderoso cosmos da ordem econômica moderna ligado aos pressupostos técnicos e econômicos da produção pela máquina, que hoje determina com pressão avassaladora o estilo de vida de todos os indivíduos que nascem dentro dessa engrenagem - não só os economicamente ativos - e talvez continue a determinar até que cesse de queimar a última porção de combustível fóssil...Quis o destino, porém, que o manto virasse uma rija crosta de aço/jaula de ferro (Weber, 2004, p. 165).

Longe de esgotar o debate, que é ainda muito frutífero e deveras infundável, buscamos elencar algumas características básicas da “forma” e do “espírito” do capitalismo. A complexidade da realidade só permite análises multicausais, Weber observou os dois lados da relação, e deixou bem claro que sua intenção não era "substituir uma interpretação causal unilateralmente ‘materialista’ da cultura e da história por uma outra espiritualista, também ela unilateral. *Ambas são igualmente possíveis*, mas uma e outra, se tiverem a pretensão de ser, não a *etapa preliminar*, mas a *conclusão* da pesquisa, igualmente pouco servem à verdade histórica" (*idem*, p. 167).

Para concluir, Weber em *Rejeições Religiosas do Mundo e Suas Direções* [Considerações intermediárias] – (1967), texto chave para o entendimento sobre o pensamento weberiano e para o debate sobre a legalidade própria das esferas sociais, salientou que, acima de tudo, sua busca esteve em contribuir para a tipologia e sociologia do racionalismo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise weberiana do capitalismo e, em especial, do racionalismo/racionalização como forças motrizes das sociedades modernas continuam orientando vários debates em torno das ciências sociais em geral. Uma teoria da ação social, da ordem e da cultura, com fundamentos micro e macrosociais tem contribuído ininterruptamente para entendimento do racionalismo em sua versão ocidental e da gênese histórica do racionalismo moderno.

Apesar da questão da racionalização cultural ter permeado este artigo, sua intenção foi retomar brevemente as definições e relações propostas por Weber entre a

forma e o “espírito” do capitalismo. Foi possível observar a importância de aspectos históricos, socioeconômicos e institucionais para a origem e formação do capitalismo, porém, o primordial aqui, foi demonstrar o papel essencial da religião, das ideias, das condutas individuais e da cultura para a compreensão e explicação dos fenômenos sociais.

O capitalismo em suas origens precisou de uma série de condições históricas, econômicas e institucionais para o seu desenvolvimento. Teve sua gênese no Ocidente (América do Norte e Europa ocidental) devido a uma transformação cultural essencial, este foi o fator principal para o desenvolvimento deste sistema social e de um tipo de *ethos* profissional baseado na ideia de vocação (com suas origens no ascetismo protestante, especialmente o de tipo calvinista).

Quanto ao capitalismo e sua “forma”, ele precisa de condições prévias e fatores externos para seu desenvolvimento, como vimos, seus três principais complexos são a moderna empresa capitalista; a ordem econômica; e o “espírito capitalismo”.

A ideia não foi encontrar um Weber economicista, mas sim um autor que considerou o fator econômico como uma das pontas da relação causal, porém, seu interesse maior estava nos fatores culturais e subjetivos, devido sua importância explicativa. Por isso tornou-se essencial a distinção entre “forma” e “espírito” do capitalismo. O protestantismo ascético não criou o capitalismo ou foi o único fator a influenciar seu “espírito”, o que Weber sempre deixou claro, foi sua relação de adequação, foram suas “afinidades eletivas” com um sistema econômico. Especialmente em sua variante calvinista, serviu como uma potente mola auto-propulsora do capitalismo, produzindo indivíduos disciplinados, orientados por Deus, racionais e liberados para ganhar dinheiro através da vocação como prova da salvação.

Como também foi possível observar, o capitalismo já não precisa mais deste “espírito” que estava vinculado a um sentimento religioso. A própria lógica econômica e a racionalização cumprem esta função produzindo o *homo economicus* moderno.

Decisivamente, o capitalismo possui suas características institucionais bem definidas, conforme elencado por Weber, é composto pela empresa permanente e racional, precisa de uma contabilidade racional, da técnica racional e do Direito racional. Sem esquecer é claro, que a tudo isso se deve ainda adicionar a ideologia racional, a racionalização da vida e a ética racional na economia.

O “espírito” do capitalismo, que teve suas origens no comportamento ascético e na necessidade do protestante pela comprovação de sua salvação, se adequou fortemente ao ideal de vocação ou da profissão entendida como dever, junto a isso, o aumento das posses, o ganho ou acúmulo de riqueza, a perspicácia nos negócios, desde que alcançada de maneira pacífica, austera, legítima e não para a fruição pessoal, eram aspectos não somente requeridos, como deviam ser entendidos como uma “conduta de vida eticamente coroada”. O principal efeito deste tipo de conduta de vida foi a constituição do *ethos* profissional moderno. Esta disposição, parafraseando Weber, “encontrou sua forma mais adequada na empresa capitalista moderna”, por outro lado, “a empresa capitalista, por sua vez, encontrou nela sua força motriz espiritual mais adequada”.

Seguindo ainda algumas considerações de nosso autor, atualmente, as instituições políticas, jurídicas, comerciais, a gestão empresarial, a estrutura da economia, bem como, os interesses econômicos, político-comerciais, político-sociais, a lucratividade, o cálculo e o sucesso econômico em si são as forças condicionantes, seja da conduta e do “espírito” do *manager* moderno e do trabalhador especializado, seja das empresas enquanto unidades lucrativas orientadas para as possibilidades do mercado.

Por fim, Weber não buscou uma análise determinista, necessária ou produziu uma narrativa estruturada sobre a modernidade ocidental – e seus efeitos que hoje em dia se espalham heterogeneamente por todo o globo. Mas buscou observar as conexões múltiplas, a explicação multicausal para fenômenos sociais e culturais complexos, por vezes perdidos em meio ao caos de consequências inesperadas.

Hoje estamos envoltos numa “jaula de ferro” criada historicamente pelos próprios homens, nos defrontamos com o “desencantamento/desmagificação do mundo” e nos tornamos disciplinadamente “especialistas sem espírito” ou “sensualistas sem coração”. A racionalidade técnica, a racionalização da vida, o ganho/lucro como fim em si mesmo, o indivíduo absorvido pela profissão, a perda do sentido ou a perda do *caritas* são aspectos e consequências da vida na modernidade, mas claro que aqui já estamos misturando diagnóstico com julgamento de valor.

Após todo este trajeto, vale a pena reforçar que a teoria weberiana tem ainda muito que contribuir para as abordagens e pesquisas sobre os fenômenos sociais, sempre

considerando como mote principal sua contribuição para a tipologia e a sociologia o racionalismo.

REFERÊNCIAS

EINSENSTADT, Shmuel N. *Modernidades múltiplas*. Sociologia, Problemas e Práticas, 2001, n. 35, p. 139-163.

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

_____. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 3. ed. Brasília: UnB, 1994.

_____. Rejeições religiosas do mundo e suas direções [Consideração intermediária] *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1967.

_____. *História geral da economia*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 121-78. (Os Pensadores).

RIESEBRODT, Martin. *A ética protestante no contexto contemporâneo*. Tempo social, 2012, vol. 24, no.1, p. 159-182.

SCHLUCHTER, Wolfgang. *Acción, orden u cultura: estúdios para um programa de investigación em conexão com Max Weber*. Prometeu: Buenos Aires, 2011, p. 19-53.

_____. O surgimento da modernidade: Max Weber acerca do cristianismo ocidental. *Paradoxos da modernidade: cultura e conduta na teoria de Max Weber*. São Paulo: Unesp, 2011, p. 266-272.

_____. Epílogo: ação, ordem e cultura. *Paradoxos da modernidade: cultura e conduta na teoria de Max Weber*. São Paulo: Unesp, 2011, p. 325-330.

SELL, Carlos Eduardo. *Max Weber e a racionalização da vida*. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. O nascimento da sociologia weberiana: “Sobre algumas categorias da sociologia compreensiva” 100 anos depois. *Paper Apresentado no XVI Congresso da SBS – Sociedade Brasileira de Sociologia*. Salvador, Setembro de 2013b, p. 10-26.

SWEDBERG, Richard. *Max Weber e a ideia de sociologia econômica*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. Cap. 2, p. 45-105.

RESUMO

A teoria da ação social, da ordem e da cultura proposta por Max Weber continua provocando renovados debates. A proposta deste artigo está em retomar brevemente as contribuições do autor a respeito do “espírito” do capitalismo, com a intenção de demonstrar a sua relação com a forma socioeconômica do capitalismo, ou seja, abordar a relação entre os fatores culturais e materiais que só foram passíveis de desenvolvimento no Ocidente moderno. Naturalmente, o papel do ascetismo protestante também será considerado. Além de definir “forma” e “espírito”, os aspectos institucionais e culturais, poderemos observar que a teoria weberiana buscou compreender e explicar os fenômenos sociais em sua complexidade multicausal, sendo o capitalismo (foco aqui) e o racionalismo dois dos pontos centrais de sua obra.

PALAVRAS-CHAVE: Forma. “Espírito”. Capitalismo.

ABSTRACT

The theory of social action, order and culture proposed by Max Weber keeps triggering renewed debates. The purpose of this article is to briefly resume the contributions of the author about the "spirit" of capitalism, with the intention of showing their relationship to the socioeconomic form of capitalism, that is, addressing the relationship between cultural factors and materials that only were capable of development in the modern West. Naturally, the role of Protestant asceticism will also be considered. In addition to defining "form" and "spirit", the institutional and cultural aspects, we can see that the Weberian theory sought to understand and explain social phenomena in their complexity multifactorial, with capitalism (focus here) and rationalism / rationalization two central points of his work.

KEY-WORDS: Form. “Spirit”. Capitalism.

Recebido em: 24 de abril de 2014

Aceito para publicação em: 04 de junho de 2014